

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO DE FAFE

EM LISBOA

- TEATRO -



O MORGADO DE FAFE EM LISBOA

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

COMÉDIA EM DOIS ACTOS

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: <http://luso-livros.net/>



FIGURAS

O BARÃO DE CAÇURRÃES

A BARONESA DO MESMO TÍTULO

D. LEOCÁDIA, filha do Barão

O MORGADO DE FAFE, ANTÓNIO DOS AMARAIS TINOCO

LUÍS PESSANHA

FRANCISCO DE PROENÇA

JOÃO LEITE

ANTÓNIO SOARES

UM JUIZ

UM ESCRIVÃO

DAMAS. Denominadas 1^a, 2^a, 3^a

ACTO I

Sala ricamente guarnecida. Algumas mesas ocupadas por pessoas que jogam

CENA I

BARÃO e BARONESA DE CAÇURRÃES, D. LEOCÁDIA, AS TRÊS
DAMAS, LUIZ PESSANHA, e FRANCISCO DE PROENÇA.

(Ao correr do pano ouvem-se as ultimas notas do alegre de uma ar ia que D.
Leocádia canta acompanhando-se ao piano.)

VOZES. (*dos que jogam e dos que estão na frente da cena.*)

Muito bem! Excelentemente! Deliciosamente, minha senhora!

PESSANHA (*A D. Leocádia, que sai do piano.*)

Cantou angelicamente, prima Leocádia.

PROENÇA

E o anjo que cantava só podia ser dignamente acompanhado pelo anjo que
tocava.

D. LEOCÁDIA

Já ouviram cantar os anjos?

PESSANHA

Em sonhos, já. Ouvem-se os anjos em sonhos, quando adormecemos com a alma cheia da voz melodiosa da mulher amada.

BARONESA (*À parte.*)

Que palavreado!

PESSANHA

Vossas excelências, se nunca ouviram em sonhos as harmonias dos anjos, é que ainda não amaram daquele amor que nos repassa a alma das músicas de Anfião e Orpheu.

D. LEOCÁDIA (*Irónica.*)

Sublime, magnífico, primo!

1ª DAMA

Os meus anjos cantam muito desafinados.

2ª DAMA

Os meus constipam-se nos gelos da alma.

BARONESA

Isso parece-me esquisito, menina... Torna a dizer, Cassilda.

PROENÇA

Foi uma bela ideia, a da sua sobrinha, senhora baronesa... (*À 3ª dama.*) E os anjos de V. Exa?

3ª DAMA

Os meus foram todos escriturados para cantarem no coração da prima Leocádia.

D. LEOCÁDIA

Ai! Estás enganada, Carolina... Eu já não creio em anjos... Estou cética, estranhamente cética.

PESSANHA

Cética, prima!? Que blasfémia! Isso é desagradecer o raio de graça com que a Providencia lhe ilumina o que para outras almas se esconde em trevas.

BARONESA

Ó primo Pessanha, não esteja a fazer vaidosas estas meninas.

PESSANHA

A vaidade, prima Baronesa, é um adorno das almas distintas, quando se não vangloria em deslumbrar a vaidade alheia.

BARONESA

Assim será; mas eu não gosto de ouvir expressões inconvenientes... Que é estar aí a falar em anjos que se constipam, em anjos escriturados?! Forte irreverencia!

D. LEOCÁDIA

Não se fala dos anjos do céu, minha mãe, é dos anjos dos poetas que descem muitas vezes do céu para o inferno deste mundo.

AS TRÊS DAMAS (*Rindo e falando simultaneamente*):

1ª DAMA É verdade, prima Leocádia.

2ª DAMA Os anjos dos poetas são assim.

3ª DAMA Disseste divinamente, menina.

BARONESA

Credo! Que falario as meninas fazem!

PESSANHA

É novidade, prima... Deixe-as deprimir os poetas, que o incenso não as enjoa.

BARONESA

Olhe, primo, contra os poetas acho eu que tudo o que se diz é pouco, porque os poetas de agora já nem sequer servem para entreter senhoras numa sala. No meu tempo, quando eu era muito menina, sim, aqui há quinze anos,

pouco mais ou menos, os poetas eram uma gente divertida, que alegrava a boa sociedade, glosando moles em décimas e sonetos que todo o mundo entendia. No meu tempo havia em Braga quatro cónegos, poetas de mão-cheia. Que poetas aqueles!... Ai! Que saudade!... Os de agora são todos assim pelo gosto de António Soares, que diz uns versos que não fazem chorar nem rir. E o que mais me espanta e aborrece é estas meninas a dizerem: muito bem! Sublime! Bravo! Gomo se percebessem os versos melhor do que eu, e...

PESSANHA

E que o autor... Talvez queira dizer, prima.

BARONESA

E os que ele recita ao piano!? Que modas! Acompanhar os versos com polcas!

D. LEOCÁDIA *(Impaciente)*

Oh mãe! Olhe que não vá ele entrar e ouvir! Eu acho os versos de António Soares lindíssimos, inspirados, ardentes de paixão...

PESSANHA *(A meia voz)*

Bravo! Que entusiasmo!... (Alto.) Deve saber, prima baronesa, que a linguagem do coração tem seu progresso, como a linguagem das ciências. Numa época sentimental como a nossa, o vocabulário do poeta deve ser deste mundo o menos possível.

BARONESA

Olhe primo Luiz Pessanha, eu como falo a linguagem deste mundo, não entendi bem o que me disse, sou franca.

PROENÇA

Modéstia, modéstia, senhora baronesa...

BARONESA

O que eu quero é que a minha Leocádia seja mais temperada no falar, e que estas meninas se pareçam com a sua mãe, que Deus haja, que ora uma senhora acabada a todos os respeitos.

AS TRÊS DAMAS (*simultaneamente*):

1ª DAMA A Esta cruel, a tia baronesa!

2ª DAMA Não desculpa nada! A gente lia de ser muda!

3ª DAMA Quer por força que sejamos velhas no alvorecer da vida.

BARONESA

Vejam, vejam que mau costume as meninas têm de chilrearem todas ao mesmo tempo! Hei de ralhar, quando o merecerem, porque as amo. A sua mãe, se fosse viva, havia de dizer-lhes o mesmo.

BARÃO *(Da mesa onde joga.)*

Ó Felizarda, o chá demorasse. São sete horas e meia.

BARONESA

Esperávamos o João Leite e o amigo que ele quer apresentar; mas eu dou as ordens. *(Sai.)*

PESSANHA *(Despeitado.)*

Estou maravilhado, prima Leocádia!

D. LEOCÁDIA

De quê, primo?

PESSANHA *(Irónico.)*

Dos inspirados, lindíssimos e ardentes versos de António Soares.

D. LEOCÁDIA

Pois não são!? Triste coisa! Porque António Soares não é rico, até o talento
lhe querem desdenhar!

CENA II

OS MESMOS, JOÃO LEITE, A BARONESA, E O MORGADO DE
FAFE

BARONESA *(Salte de uma porta lateral, quando os recém-vindos assomam à porta do fundo.)*

Aqui está o senhor João Leito.

D. LEOCÁDIA

Que singularidade de homem é aquilo?

LEITE *(Conduzindo o morgado ao barão, que se levanta.)*

Sr. Barão, eu tenho a honra de apresentar a V. Exa. o meu particular amigo e um dos mais distintos e abastados cavalheiros da nossa província, o senhor António dos Amarais Tinoco Albergaria e Valadares, morgado de Fafe.

O BARÃO

Muito folgo de receber nesta casa o Sr. Morgado, o estimarei que a frequente com a familiaridade que torna precisas e agradáveis as relações. Quando chegou da nossa bela província?

MORGADO

Cheguei há três dias pela estrada a vapor, e acho que é bem engenhada aquela ideia. *(Os dois ficam gesticulando.)*

LEITE *(Às damas, a meia voz.)*

O meu amigo é um puro provinciano, minhas senhoras. V. Exas terão de sufocar algumas vezes o riso. Porque o morgado tem a rústica franqueza da ignorância, e entra pela primeira vez numa sala cerimoniosa. *(Recua.)*

BARÃO

Senhor morgado, aqui lhe apresento minha mulher,

MORGADO

Passasse muito bem.

BARÃO *(Recuando.)*

Minha filha...

O MORGADO

Passasse muito bem. É galantina, benza-a Deus.

BARÃO

Estas três meninas, Iodas irmãs, minhas sobrinhas, filhas do meu primo, o conselheiro Alberto de Menezes, que se acha naquela mesa. *(Cumprimentam-se; o morgado tem seguido acanhadamente o barão, de sorte que se acha fora do grupo das damas, quando entra António Soares.)*

MORGADO

Passassem muito bem. São bonitas criaturas. *(Riem-se à socapa. D. Leocádia e a baronesa conversam. O grupo da direita avança o mais que pôde.)*

O BARÃO

O Sr. Francisco de Proença. O meu primo Luiz Pessanha. (*Entra António Soares*) e o senhor António Soares que vem entrando. (*Movimento de Leocádia.*)

Ao senhor António Soares tenho a honra de apresentar o senhor morgado de Fafe.

CENA III

OS MESMOS E ANTÓNIO SOARES

(António Soares com os bigodes aguçados pela cera, e a luneta pênsil, faz rir descompostamente o morgado.)

MORGADO (*A Soares que o olha carrancudo*)

O senhor há de perdoar, mas não sei o que me parecia.

SOARES

O que pareço eu ao senhor?

MORGADO (*Rindo.*)

Que ratão!

SOARES (*Aos circunstantes.*)

Este homem é parvo?

BARÃO (*À parte.*)

Parece-o.

LEITE

Senhor morgado!...

SOARES

De que ri o senhor?! Acabemos com isto!

MORGADO

É desse arranjo em que o senhor traz a fisionomia da sua pessoa. V. S.A., se fizer assim, (*Sacode a cabeça*). Deus nos livre, ficava a gente com os bigodes.

Santo nome! Isso parecia coisa de aleijão. E as cangalhas aqui assim!...

(*Mencionando o próprio nariz*). Que ratão.

SOARES

Quem trouxe aqui este mentecapto?!

(*Os que jogam suspendem o jogo para observarem.*)

LEITE (*Entre eles.*)

Fui eu, e pedirei ao Sr. António Soares que não se ofenda de um gracejo cuja intenção é inofensiva. (*Passa ao barão.*)

MORGADO (*Com seriedade.*)

Vossa Senhoria chamou-me mentecapto. Mentecapto, pelos modos quer dizer tolo. Eu não vou à parede, esteja descansado. É ditado velho — aonde se dão, aí se apanham. — Mas o Sr. Há de acreditar uma coisa que eu vou dizer: pareço tolo, mas não sou, não sou, acredite.

SOARES

Nesse caso é grosseiro, (Movimento geral) e deveria ter pedido, a quem o apresentou, que o civilizasse primeiro. (*As damas.*) Peço perdão, minhas senhoras. (*Agitado.*)

BARONESA (*Mostrando-se aflita.*)

Eu estou banzada e perplexa!

MORGADO (*Gravemente.*)

A minha mania é dizer o que sinto, e rir do que me alegra cá no interior. Palavra de honra que me regalei de o ver assim ao senhor, e ri-me pensando que o senhor gostava de que se risse a gente. Não pensei que o senhor vinha assim amanhã de cara para a gente estar sério. Mas à vista disso, perdoará.

(Entram os criados com bandejas de chá e doce. Soares vai a uma bandeja tomar uma chave na e dá-a a D. Leocádia. Proença e Pessanha fazem, o mesmo às outras senhoras. O morgado vai tirar uma chávena da bandeja ao criado da direita.)

BARÃO (*No meio deles.*)

Está dada a satisfação; vamos ao chá. (*Sobe.*)

LEITE (*À baronesa.*)

Eu sinto amargamente este desgosto, senhora baronesa.

BARONESA

Foi bem feito. Não gosto deste peralvilho. Não se a Mija por isso.

D. LEOCÁDIA (*A Soares que lhe oferece a chávena.*)

Incomodam-te as chocarrices de um idiota?!... Vamos fazer o nosso bobo...

Hás de rir muito à custa dele.

SOARES

Escreveste o requerimento?

D. LEOCÁDIA

Já está na mão do escudeiro para ser-te entregue. (*Sentam-se as damas.*)

BARÃO

Senhor morgado, sirva-se de doce.

MORGADO (*Servindo-se.*)

Venha de lá isso. *(Tira uma mão-cheia de biscoitos que vai sopeteando na chávena, posta comodamente sobre os joelhos)* Vossemecê que quer? *(Ao criado que está junto dele com a bandeja do açucareiro.)*

CRIADO

Se precisa açúcar...

MORGADO

Bote mais uma colher dele. *(Gargalhada de Soares, e riso mal reprimido das damas.)*
Olá! O senhor já se ri! Ainda bem! Estava daí a enguiçar-me com os luzios por detrás das vidraças, que nem me prestava o chá... Olhe lá se eu me zango porque o Sr. Se ri de mim! Venha de lá outra, se me faz favor. *(Toma segunda chávena de chá.)*

LEITE *(À parte.)*

Estou vexadíssimo! *(Sobe e desce.)*

BARÃO *(Galhofeiro.)*

Nada de cerimonia, Sr. Morgado,

MORGADO

Cerimónia! Ora essa! Então o Sr. Barão ainda não sabe com quem está falando! *(O criado vem oferecer-lhe doce.)* Eu lhe vou contar uma passagem da minha vida. *(Ao criado que serve o doce)* Chegue cá o sólido. O melhor é pôr o tabuleiro em cima desta tripeça. *(O barão sobe pura conter o riso. O morgado puxa para junto de si o banquinho do piano.)*

BARONESA *(Às damas que retêm dificilmente o riso.)*

Seio! Seio!

MORGADO

Deixe rir as raparigas. Eu quando vou a alguma casa não é para-fazer chorar ninguém.

PESSANHA

Vamos à passagem da sua vida, senhor morgado.

MORGADO *(Com a boca cheia.)*

Lá vou já. Este doce não está mal amanhado. A como se vende o arrátel disto cá em Lisboa, ó Sr. Leite?

LEITE *(Com enfado.)*

Não sei, nem a ocasião é agora oportuna para semelhantes averiguações. Trataremos depois disso.

MORGADO

Quando o caminho de ferro chegar a Fafe, hei de mandar ir destas cavacas em quanto estão frescas. Ó Sr. João Leite, o senhor, que eu fiz deputado, e mais os meus caseiros e foreiros, porque não arranja um caminho de ferro para Fafe?! V. Exas damas.) Podiam aqui comer em Lisboa batatas muito boas, e baratíssimas. A como pagam os senhores cá na capital o milho e os feijões?

(Leocádia ergue-se.)

1ª DAMA

Conte-nos a passagem, senhor morgado... Estamos ansiosas.

MORGADO

Estão? (*Erguendo-se.*) Ora eu vou contar. Há de haver dez anos que eu fui ao Porto para contratar o meu casamento com o pai de uma menina, que, não desfazendo cm ninguém que me ouve, tinha um palmo de cara que se podia ver; tocava realejo, e dançava o sólio inglês e a gaivota, que eram poucos os olhos da cara pra verem. Deu-me no goto a rapariga, e resolvi casar-me. É verdade que lá no Porto diziam que o pai fazia em casa o dinheiro que lhe era preciso para os seus gastos; mas isso que tinha?! Fazer dinheiro é uni mudo de vida que não me consta que desfizesse casamento em parte nenhuma... Pelo contrário, meu mano frade diz que tem feito muito.

AS TRÊS DAMAS (*ao mesmo tempo*):

1ª DAMA Pois casou?

2ª DAMA Ah! Casou?!

3ª DAMA Ditosa esposa! Oh! Quanto a invejo!

MORGADO

Faliam todas à pancada! Ora, diga lá cada uma pela sua vez o que tem na ideia.

3ª DAMA

Eu disse que invejava a sorte da sua esposa.

BARONESA (*Descendo.*)

Menina! (*Com severidade.*) Seja comedida no seu entusiasmo, e não interrompa.

MORGADO

Liberdade de imprensa, minha rica senhora. Deixe-a falar. Eu não casei com a tal menina, minha senhora.

AS TRÊS DAMAS (*falando simultaneamente*):

2ª DAMA Ah! Não!

3ª DAMA Traiu-o, talvez; que injustiça!

1ª DAMA E que mau gosto!

MORGADO

Não há que ver; são como as rãs; em falando uma falam todas.

SOARES (*À parte, a D. Leocádia*).

É muito grosseiro!

BARÃO

Deixem falar o senhor morgado, meninas, o morgado. Chamava-se Maria, a menina; mas ela gostava que lhe chamassem Mareia, porque Mareia é poético; e lá a casa do pai dela ia um poeta jantar que lhe chamava Mareia. Estava marcado o dia do casamento, quando fui jantar a casa do meu sogro. A noiva ficou à minha esquerda, e estava vermelha como uma ginja. Era a inocência, pelos modos; mas eu pensei que seria indisposição de dentro, e perguntei-lhe se estava entoirida com o jantar. Disse-me que não tinha provado nada; e eu, pensando que era fraqueza o seu mal, botei-lhe ao prato uma perna de peru. E que há de ela fazer? Ergue-se assarapantada, e foge. O que é, o que não é, que será, erguem-se todos; uns vão, outros vêm, tudo se mexe menos eu, que fiquei comendo o peito do peru, bocado porque sou doido. Tratei de saber o que tivera a rapariga. Vi o poeta e perguntei-lhe: «O senhor sabe dizer-me o que teve a Sra. D. Mareia?» Que há de dizer-me o homem? A menina retirou-

se porque V. S.A. a envergonhou com a perna do peru.» — «Homem, essa! — disse-lhe eu — Aposto que o senhor poeta, lá nos seus versos, lhe disse que uma menina inocente devia envergonhar-se da perna de um peru?!» No dia seguinte, meus caros senhores, escrevi uma carta ao pai de Mareia, dizendo-lhe que na minha casa se comia muita soma de peru, e que eu não estava para ir atrás de minha, mulher todas as vezes que viesse à mesa um peru com pernas. — Em quanto a mim, a rapariga fugiu envergonhada de ver que eu comia à portuguesa, ao passo que o poeta e outros que lá estavam, com os guardanapos postos à laia de babeiros, diziam uma coisa, que eles chamavam espichos, do tamanho da légua da Povoia, e lavavam os dedos numa tigela de água, que eu ia bebendo, por não saber que é moda agora fazer da mesa lavatório. Isto veio ao caso de dizer que não sou homem de cerimónias. Como em casa dos amigos em quanto tenho vontade, e quem vai à minha casa há de comer até lhe tocar com o dedo. As meninas querem disto? (Puxa de um cartuxo de reбуçados que quer repartir aos punhados.) São de avença legítimos; trouxe-os do Porto. Sirvam-se. (As damas, sufocando o uso, saem de corrida da sala.)

BARONESA

São crianças, senhor morgado, não faça caso.

MORGADO

Agora faço! Não faço, não senhora. Goma V. Exa., se quiser.

BARONESA *(Tomando um rebuçado.)*

Agradecida. Eu vou repreendê-las.

MORGADO

Deixe-se disso que perde o tempo. Isto de senhoras só se castigam bem com as disciplinas do deus Cupido. *(A baronesa sai rindo.)* Até a sua velha se ri, senhor barão. É uma santa mulher, acho eu.

SOARES

É um tipo!

PESSANHA *(Irónico.)*

É um homem único, Sr. Morgado! Invejo-lhe o espirito e a felicidade!

MORGADO

Quer rebuçados?

BARÃO

Joga, Sr. Morgado?

MORGADO

A bisca de nove e o trinta e um.

BARÃO

Voltarete ou *boston*, não quer?

MORGADO

Hei de aprender isso, amanhã falaremos.

BARÃO

Pois converseem, que as meninas vêm já. (*Sobe à mesa do fundo com Soares e vão sentar-se ao jogo, Proença retira para o interior.*)

CENA IV

MORGADO

JOÃO LEITE, e OS QUE ESTÃO JOGANDO

LEITE

Senhor morgado, tem dito coisas que não parecem suas.

MORGADO

Pois aí tem! O senhor pensava naturalmente que eu vinha à capital aprender a falar às senhoras!... Nós, lá em Fafe, estamos civilizados.

LEITE

Pois em nome da civilização de Fafe, é que eu peço a Vossa Senhoria que modere a sua língua.

MORGADO

Pelo que vejo, quem vem a Lisboa há de moderar a língua! Acho que o diz bem, e que o faz melhor, Sr. Leite. É por isso que o senhor, desde que entrou nas cortes, não disse palavra. Há de ser por isso. O meu amigo Sr. Leite, quando falava aos convícios populares, lá na nossa terra, falava pelos cotovelos. Mas isto cá, pelos modos, muda muito de figura. Pois dou-lhe a minha palavra de honra, que, se eu fosse deputado, havia de falar quando fosse preciso, e mais não estudei gramática nem matemática. Um bom deputado tem sempre que dizer. Eu tanto pedi ao senhor que arranjasse cá com o governo a passar-me a estrada à porta, mas o senhor não fez caso, nem respondeu à carta do boticário que lhe pedia um hábito de Cristo... Palpita-me que V. S.A. não torna cá...

LEITE

Falaremos a esse respeito oportunamente: o que eu agora encarecidamente lhe peço é que não fale tanto, nem dê aso a que seriam de V. S.A. — As suas excelentes qualidades, regidas pela prudência e comedimento, habilitam-no a dar-se na sociedade uma posição digna do seu nascimento e riqueza. Em Lisboa pesam-se as palavras, e o provinciano, que se não coíbe, é sempre alvo do escárnio.

MORGADO

Com que então em Lisboa pesam-se palavras! É por isso que o senhor ainda não deu meia oitava delas nas camaras... (*Rindo e abraçando-o.*) Isto é chalaça, meu janota... Não se assuste. Em quanto eu for vivo, há de o senhor ser sempre deputado; mas não se esqueça daqueles termómetros de estrada em que lhe falei... O senhor o que tem?! Está a pensar, com um rosto tão assombrado! Isso, em quanto a mim, é paixão de alma por alguma das feiticeiras cá da casa... Diga a verdade...

CENA V

OS MESMOS e FRANCISCO DE PROENÇA

PROENÇA *(A Soares, que está junto dele.)*

Aceita estas cartas, Soares; eu volto já. *(Ergue-se e vem para junto de Leite. O morgado vai folhear um livro que está sobre a jardineira.)* Ainda não tive ocasião de perguntar-te o que passaste ontem com Leocádia.

LEITE

Nada.

PROENÇA

Não lhe faltaste?

LEITE

Não pude. Sou um idiota ao pó desta mulher. Não me atrevo a dizer-lhe palavra que não seja uma puerilidade ou uma inconveniência.

PROENÇA

A coisa mais parecida com um tolo é um homem de talento apaixonado.

LEITE

É uma paixão de criança esta minha... Leocádia compreendeu-me, e aumenta caprichosamente o meu embaraço com o olhar interrogador que me lança...

MORGADO

Ó Sr. Leite. (*Levanta-se.*) Este autor chamado “Ro-us-se-au-x” de que trata? É da moléstia do gado vacum?

LEITE (*Abstraindo.*)

Não, não é.

MORGADO

É porque está aqui episode, e pensei que isto queria dizer epizootia.

PROENÇA (*Rindo.*)

É impagável este homem! Penso que o mandaste buscar à província para te distrair.

LEITE

Refinou na sandice, desde que chegou a Lisboa. Tem-me vexado aqui hoje, e o ridículo dele pode refletir em mim aos olhos de Leocádia.

PROENÇA

Não é isso natural; pode ser até que Leocádia te agradeça este debique...

Vamos, animo! Sai desta posição equívoca; declara-te.

MORGADO

É segredo?

LEITE

Não senhor.

PROENÇA

Se não queres dizer-lho, escreve-lhe. Posso asseverar-te que tens a estima da baronesa, e a do barão hás de conquista-la por intermédio da filha.

LEITE

E poderei disputa-la ao primo e ao Soares?

PROENÇA

Não há rival invencível. A mulher que tem mais de um adorador, mostra que não lhe agrada nenhum. Se se deixa incensar por dois, é porque espera o incenso de um terceiro.

LEITE

Leocádia é uma mulher excêntrica.

PROENÇA

Por isso mesmo.

LEITE

Todas as vezes que eu encaminho a conversação de modo que a declaração ocorra naturalmente, ela adivinha-me, e interrompe com alguma frase desdenhosa, que me deixa... Que me deixa...

MORGADO

Atrapalhado?... Eu logo vi que o senhor estava namorado da filha do dono da casa. Já vê que não sou tolo...

PROENÇA (*Risonho.*)

É verdade, Sr. Morgado. O nosso amigo está apaixonado pela Sra. D. Leocádia, mas não lho diz. Que remedio daria V. S.A. a isto?

MORGADO

O remedio é dizer-lho; pois então?

PROENÇA

Vês, Leite. Aqui tens uma opinião ilustrada que corrobora a minha.

MORGADO

Pois cá em Lisboa é moda a gente não dizer a uma rapariga que a ama, quando sente no interior o fogo da simpatia?

PROENÇA

O amor sublime tem estas esquisitices, meu caro senhor. e a vossa Senhora nunca se sentiu acanhado ao pé da mulher querida?

MORGADO

Eu não, senhor. Digo-lhe tudo o que me vem à ideia, e, se me ficam a talho de fouce, beijo-lhe a mão, e caiu de joelhos, como se faz na comédia; é o meu sistema. O Sr. Leite sabe o que eu tenho feito lá por Fafe; ele aí está que o diga... O senhor conhece a Teresinha do Aidro, e a Joana do Reguengo de baixo...

LEITE *(Sorrindo.)*

Muito agradecido à sua bondade...

MORGADO

O ratão já se ri. Já está com melhor ar... Pois diga à menina que lhe quer bem, e o mais deixe-o pela minha conta... Quer o senhor uma coisa? Digo-lho eu.

LEITE (*Rindo.*)

Muito agradecido à sua bondade...

MORGADO

Isto é sério... Os amigos conhecem-se nas ocasiões.

CENA VI

OS MESMOS, A BARONESA, D. LEOCÁDIA, AS TRÊS DAMAS E
PESSANHA

BARONESA

Desculpe-nos a demora, Sr. Morgado. À estes cavalheiros não farei igual pedido, porque são amigos Íntimos e tolerantes.

MORGADO

Estiveram a cear, naturalmente... Eu vou logo fazer o mesmo.

BARONESA

Não senhor, é porque uma das meninas teve um ligeiro insulto nervoso.

MORGADO

Insulto nervoso acho que é o mesmo que faniquito... Ela tem razão... Aposto que foi esta! (*indica Leocádia*) Eu bem sei que ela há de viver amofinada...

D. LEOCÁDIA

Eu?! Porque?

MORGADO

Eu bem sei, magana...Nós faltaremos. O amoré como as toupeiras, que se não dão bem com a luz do dia... Veja se me entende...

D. LEOCÁDIA

Eu? Não! Que sabe? Diga...

MORGADO

Sei o que a menina sabe, mas finge que não sabe, porque sabe que... Sim a menina bem sabe que... (Leite puxa-lhe pela aba da casaca.) O senhor rompe-me!

AS TRÊS DAMAS *(ao mesmo tempo):*

1ª DAMA Diga, diga o que é.

2ª DAMA A Leocadiazinha não sabe nada.

3ª DAMA Diga, diga, Sr. Morgado!

MORGADO

Isso há de ser só a ela...

D. LEOCÁDIA

A mim só! Ai que graça! Quer propor-me casamento...

BARONESA (*Severa.*)

Menina! Que palavra é essa! Nem por graça consinto que uma menina profira semelhante expressão! Estão estragados os costumes antigos.

MORGADO

Agora estão! Faz ela muito bem em querer casar, e o noivo é como se quer...

(*Leite não cessa de puxar-lhe as abas da casaca.*) O senhor quer que eu fique de jaqueta, pelo que vejo... Que graça tem isso de me estar a romper!?

LEITE (*Baixo.*)

Cale-se.

MORGADO

E está morto que eu fale...

D. LEOCÁDIA

Então que quer dizer-me, Sr. Morgado? Sou toda ouvidos.

MORGADO

Com licença destes senhores, faz favor de chegar aqui... (*Querendo afastar-se do grupo.*)

BARONESA

Perdoe V. S. mas ou não consinto que a minha filha oiça segredos que a sua mãe não possa ouvir.

MORGADO

O casamento é com ela, não é com a senhora.

(Soares tem-se, desde o principio da cena, aproximado do grupo.)

AS DUAS DAMAS:

1ª DAMA Parabéns, Leocádia!

2ª DAMA A Viva o Sr. Morgado de Fafe!

SOARES *(À parte.)*

Que torpe farsa é esta!

MORGADO

Alto lá! Não é comigo o arranjo.

D. LEOCÁDIA

Ai! Não? Que pena!

BARONESA

Ó menina, tu estás desenvolta! Olha que eu imponho-te o silêncio das indiscretas!

D. LEOCÁDIA

Ora deixe-me rir, mamã! Que tem que eu chore a perda de uma ilusão?! Hei de assistir calada, sem soltar um gemido, ao funeral da minha mais cara ambição? *(A baronesa, com arremesso, passa ao grupo das três damas, que sobem.)*

MORGADO

Fale, fale, menina, que eu também já lhe disse a ele que falasse.

D. LEOCÁDIA

A ele?! Quem?

LEITE *(Enxugando o suor.)*

Que vexame!

MORGADO

Olha a fazer-se tolinha! Ora vamos... Não seja ingrata a quem tanto lhe quer...

(Tomando-lhe a mão.) Tenha-lhe amor, qual outra Ignez de Castro.

D. LEOCÁDIA

Amor! A quem?

MORGADO *(Levando-a ao pé de Leite.)*

Venha cá... Dê-lhe a mão, que ele é bom rapaz, e tem uma boa casa... Os seus pais hão de dar o seu consentimento...

LEITE *(Atribulado.)*

Este homem enlouqueceu... A minha senhora, peço-lhe que acredite... Que eu... De modo nenhum...

MORGADO

Deixe-o falar, que ele está cego de paixão pela menina... Aquilo é vergonha...

Ali está aquele *(Indicando Proença.)* Que sabe tudo.

SOARES *(Com veemência trágica.)*

A farsa acaba aqui, senhores! Eu aceito o encargo honroso de desforçar uma senhora e uma família de bem, ridicularizada por um truão. Quero que se me diga se este homem é um doido, para ser entregue aos cuidados da policia, ou se tem bastante senso comum para aceitar a responsabilidade da zombaria com que enxovalha uma família respeitável.

MORGADO *(Serenamente.)*

Este homem é comediante?

SOARES *(Ao morgado.)*

Responda-me: encarregaram-no deste papel, ou o senhor é um mentecapto sem imputação?

MORGADO

Você parece-me tolo, homem! A perguntar-me se eu sou doido! Aposto que se lhe perguntarem a ele se é doido, diz que não!...

BARÃO

O Sr. Soares não tome tanto a sério o que não passa de brincadeira de uma noite. Este senhor tem um génio folgazão, e desconhece um pouco as conveniências; mas nenhuma pessoa desta família se dá por ultrajada, e o zelo do Sr. Soares é exagerado, com quanto digno do nosso reconhecimento.

SOARES

Aceito a correção; mas consintam V. Exa que eu me desacara do insulto que me diz respeito. Eu sou ofendido na parte mais nobre da minha alma. Este homem é um inepto que serve apenas de instrumento; a mão, porém, que o impele, há de erguer uma luva.

MORGADO

O homem é um trapalhão... Mistura luvas com instrumentos... Que diabo quer ele?

BARONESA

Meninas, saiam da sala. Isto vai-se tornando bastante imoral. Retirem-se.

(Saem.) Eu também me retiro consternada, estimando que este desagradável

incidente termine de modo que a candura da minha filha não fique poluída. Sr.

Leite, com a minha filha não se brinca, veja se me entende... Boas noites. *(Sai.)*

CENA VII

O MORGADO, O BARÃO, SOARES, LEITE, PROENÇA. E
PESSANHA.

MORGADO

Boas noites; até amanhã se Deus quiser.

SOARES

O Sr. Barão sabe que eu amo sua filha.

BARÃO

Sei que ma pediu para sua mulher. Respondi que não; é o que sei, e não sei mais nada.

SOARES

Pois bem; a Sra. D. Leocádia sabe o resto.

PESSANHA

O resto!

MORGADO

É verdade... O resto! Isso tem que se lhe diga, acho eu.

SOARES

E o Sr. Leite não é estranho ás minhas intenções a respeito da Sra. D. Leocádia, porque eu lhas comuniquei para o poupar à triste figura que tem feito.

BARÃO

E o Sr. Soares não é estranho ás intenções do meu primo Luiz Pessanha a respeito de rainha filha; e a favor dele é que a minha vontade está decidida.

SOARES

Mas a vontade de V. Exa pode ser uma violência, e eu hei de defender a oprimida, em quanto puder, contra a tirania de quem quer que seja.

BARÃO

O Sr. Soares enlouqueceu. As suas iras estão a provocar o riso... Modere-se. E não me obrigue a lembrar-lhe que estou na minha casa.

SOARES

Eu vou sair, mas é preciso que nos entendamos. Fui aqui ultrajado nesta sala. E não sairei daqui sem saber a quem hei de pedir amanhã uma satisfação. *(O barão encolhe os ombros e desce, para subir o morgado.)*

PESSANHA *(Galhofoeiro.)*

Quererá o Sr. Soares bater-se comigo.

SOARES

Com o senhor e com quantos forem.

MORGADO *(Dando um passo para Soares.)*

O senhor é um bazófilo! Cá por mim não embarra, porque... Cuidadinho...

BARÃO *(Entre os dois)*

Tenha a bondade de acomodar-se, senhor morgado...

MORGADO *(Rindo.)*

Eu estou acomodado, Sr. Barão... Não se assuste... *(A Soares.)* Pegue lá um rebuçado, e cale-se.

(O barão sobe para falar a Luiz Pessanha.)

SOARES

O senhor é um parvo!

MORGADO

Este menino precisa de criação, por mais que me digam. E eu não se me dava... Sim... Eu não se me dava de... à falta de homens... (*Faz em si o trejeito de puxar-lhe uma orelha.*)

SOARES

Sr. Leite, amanhã ouvirá de dois amigos meus o que é intempestivo dizer-lhe aqui.

LEITE

Com quanto eu rejeite a responsabilidade das inconveniências proferidas pelo Sr. Morgado, com grave desgosto meu, não poderei receber senão agradavelmente os amigos do Sr. António Soares. Querendo eu, porém, que a sua senhoria tenha causa justa para desafiar-me, dir-lhe-ei na presença destes cavalheiros, que, aspirando eu ao coração de uma senhora, cujo nome respeito muito para proferi-lo, e sabendo que V. S.A. concorria comigo nas mesmas aspirações. Nunca lhe ciaria a consideração de julga-lo meu rival.

MORGADO

Falou bem.

SOARES

Esse novo insulto...

BARÃO

Acabem com isto, senhores; vão discutir na rua a gravidade dos insultos. Não consinto que o nome da minha filha esteja aqui servindo de mote para alterações. *(Sobe.)*

MORGADO

Apoiado! Apoiado! Também sabe o que diz.

SOARES

Eu queria dizer ao Sr. Leite, que, em resposta ao seu novo insulto, fora desta casa assentar-lhe-ia na cara a mão sem luva.

LEITE *(Saindo.)*

Sr. Barão, meus senhores, boa noite. *(Soares faz menção de sair.)*

BARÃO

Os senhores não sairão juntos.

SOARES

Estou que o Sr. Leite aceitará a proposta, que é de suma prudência.

LEITE (*Risonho.*)

Far-lhe-ei eu medo, Sr. Soares?

MORGADO

Medo! A quem? A isto! (*Chega ao pé de Soares.*) O senhor vá-se embora; vá com Deus... Mude-se quanto antes, que eu já não o enxergo bem...

SOARES

Não me toque, miserável lorpa, que me suja.

MORGADO (*Esfregando as mãos.*)

Está-lhe o corpo a pedir folia... Não há remedio...

SOARES

Hei de sova-lo na rua; se não encontrar adversário mais digno...

MORGADO

Na rua?... Vamos lá... (*Toma-o debaixo do braço.*) Vá quieto, menino, olhe que me pica com os bigodes...

(*Rodeiam-no todos; cai o pano.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Outra sala em casa do barão de Caçurrães

CENA I

D. LEOCÁDIA fazendo menção de ler, e AS TRÊS DAMAS

1ª DAMA

É muito linda poesia!

2ª DAMA

Que frescura de frase!

3ª DAMA

Que sabor tão oriental!

D. LEOCÁDIA

E que paixão, não é assim?

AS TRÊS DAMAS

Decerto! Apaixonadíssima! Inspirada!

D. LEOCÁDIA

Soares é um génio. É um milagre do espirito! A alma, bafejada pelo hálito vulcânico daquele seio, sente-se grande e atrevida, não acham?

AS TRÊS DAMAS (*Acotovelando-se.*)

Decerto.

3ª DAMA

Ó menina lê-nos as duas coplas últimas que são tão harmoniosas e sentimentais?

D. LEOCÁDIA

Pois sim, leio. (*Lê.*)

Quando entre nuvens cintila

Como em olho de sibila...

2ª A DAMA

Como em olho de sibila... é lindo!

3ª DAMA

Arrebata!

1ª DAMA

Como em olho... Que vaporoso de frase!... Continua menina.

D. LEOCÁDIA (*Lendo*):

Quando entre nuvens cintila,

Como em olho de sibila,

A fulminante pupila Do meu casto serafim,

Mago dilúvio, odor celeste,

De minha alma onde desceste,

Vai ao céu donde vieste Entre nuvens de cetim.

(Declama.) Tão lindo! Não é?

1ª DAMA

Se é!

2ª DAMA

Endoidece-se de admiração!

3ª DAMA

Eu morria de amores por um homem que me escrevesse isso.

D. LEOCÁDIA

Esta não lhe é inferior. *(Lê):*

Eletrizam-se-me os seios,

Seios de alma, em devaneios,

Respondendo aos teus anseios,

Flor, inveja dos jardins!

No teu lábio o coral ri-se,

Todo amor, todo meiguice,

Todo céu, todo denguice,

Todo rir de querubins.

1ª A DAMA

Tenho-te inveja, priminha! Assim, compreende-se que uma mulher sacrifique ao talento, riquezas, glórias vãs da terra, a vontade dos pais, o futuro, tudo!

D. LEOCÁDIA

E sacrifico, eu, mulher para quem as outras olham com o desdém da estupidez, devoradas de invejas. Hei de desmentir, com a minha abnegação, os que dizem que a mulher do século troca a liberdade da sua alma pelas carruagens, toilettes deslumbrantes, pelo orgulho efêmero dos salões, por uma noite de sair rainha de casa da modista para as magnificências de um baile. As primas sabem que diante de mim se correm as cortinas de três futuros. O primo Luiz Pessanha é um rapaz rico. Invejam-mo na melhor sociedade rivais

de primeira ordem. Todos os regalos da opulência me esperam neste casamento. Sei que sou amada por ele até ao delírio. O meu casamento seria uma fortuna para duas famílias, e a desesperação das minhas rivais. Mo importa. Rejeito o primo Pessanha, porque não há naquela alma o fogo, o êxtase, o amor doido e vertiginoso de António Soares. Aparece-me João Leite, que não ousa ainda na minha presença balbuciar a declaração do seu amor; mas eu lenho a profunda convicção de que ele, no momento em que um meu sorriso complacente o anime, irá pedir-me ao meu pai. João Leite, além de rico, é deputado, e será brevemente ministro. Não importa. Entre mim e João Leite está uma imagem poética, ideal, e desprendida das mesquinhas glórias da terra. Vejo Soares, amante como o Tasso, e arrobado como Camões, apontando-me para o céu da poesia em que as nossas almas se devem ver à luz da bem-aventurança do amor.

1ª DAMA

Estás arrebatada, menina!

2ª DAMA

Perdida!

3ª DAMA

Para que a interrompem! Era um gosto ouvi-la!

D. LEOCÁDIA

Expandi-me! Sinto-me melhor! Precisava que me ouvissem este protesto contra o materialismo do século. Queria que me escutasse muita gente, e que o rubor do pejo subisse às faces das mulheres para quem o talento, o estro e o poeta não passa de um adorno do Jardim das Damas, ou do Almanaque de Lembranças, queria que...

CENA II

AS MESMAS E A BARONESA.

BARONESA

Menina, teu pai vem aqui falar-te sobre negócios de grande peso. Vê como te portas.

D. LEOCÁDIA

A mamã poderá dizer-me o que são negócios de peso?

BARONESA

É um negócio serio; está dito tudo.

D. LEOCÁDIA

Negócios comigo, não sei quais sejam; salvo se querem outra vez afligir-me com casamentos impossíveis. Se é para isso...

BARONESA

E se for para isso, indiscreta?

D. LEOCÁDIA

Sustentarei a dignidade de mulher e a liberdade do coração.

BARONESA

Esqueces que falas com a tua mãe, Leocádia?

D. LEOCÁDIA

Não, minha senhora, não esqueço que falo a minha mãe; lembro-lhe apenas que posso aceitar o seu desprezo e a morte, mas não o suicídio lento.

Mulheres como eu, morrem e vingam-se...

BARONESA

Esse palavreado não é teu, Leocádia. Tens a cabeça cheia de versos; mas aí vem teu pai responder à tua bacharelise. Se te não mandassem ensinar

gramática francesa e geografia, havias de ter outras ideias a respeito do mundo. A culpa teve-a teu pai... Eu bem lhe disse que te mandasse aprender a ler somente o necessário para te encomendares a Deus. Ele quis por força fazer de ti literata, e o resultado é isto que se vê... Agora ele que responda aos teus discursos... Ele aí vem.

CENA III

OS MESMOS, O BARÃO E O MORGADO

BARÃO (*Fora.*)

Faz favor de entrar, morgado. A toda a hora é bem-vindo. (*Na cena.*) Aqui está o nosso bravo, que sabe ensinar crianças, e dar o seu ao seu dono.

MORGADO

Isso são favores, senhor barão, Ora viva a senhora baronesa e mais a bela sociedade. Está melhorzinha do seu flato, a menina?

D. LEOCÁDIA

Agradecida, estou melhor, e a vossa Senhoria como está?

MORGADO

Assim, assim. Não me dou bem com ás comidas de Lisboa. Lá na minha hospedaria põem-me na mesa umas iguarias à francesa, que não tem senão

casca e molho. A gente come daquelas fritangadas, e fica com vontade de comer e o estomago derrancado. Nós cá, os portugueses, sabemos comer muito melhor que os estrangeiros. Os franceses, por exemplo, não sabem o que é arroz de pato. As senhoras já comeram arroz de pato?

BARÃO

Pois não! na minha casa usa-se muito. Está Vossa Senhoria convidado para jantar hoje connosco. Há de ter o seu manjar favorito.

MORGADO

A que horas se janta cá em casa?

BARÃO

À hora regular.

MORGADO

À uma hora? É do que eu gosto. Cá em Lisboa é costume jantar-se à hora em que eu ceio na minha terra, das cinco para as seis.

BARÃO

Pois essa é justamente a nossa hora; mas em atenção ao Sr. Morgado jantar-se-á mais cedo.

MORGADO

Não senhor, tudo se arranja; eu vou jantar à minha hora, e venho cear às seis com o senhor.

BARÃO

Que tem feito nestes três dias, que não apareceu?

MORGADO

Ora, que hei de eu ter feito? Vamos a descansar o corpo. (Senta-se.) Sente-se, Sr. Barão. Isto quem andou não tem para andar. Já cá estão os meus quarenta e três feitos.

BARONESA

Ninguém o há de dizer! Está muito bem conservado; parece um rapaz!

MORGADO

Eu sei-me tratar, senhora baronesa. Nunca tive senão duas doenças graves: dores reumáticas nas canelas, e a espinhela caída. De resto, aqui não entra nada. Quantos anos tem a senhora?

BARONESA

Eu?... Tenho... Não me recordo... Devo ter... Pouco mais ou menos...

MORGADO

Há de ter os seus cinquenta, para cima, que não para baixo.

BARONESA (*Vexada*).

Não tanto... Não tanto, Sr. Morgado...

MORGADO

Não? Pois olhe que está bastante avelhada, mas gordinha... Acho que não come à francesa... Faz muito bem.

BARÃO

Vamos a saber o que tem feito o Sr. Morgado?

MORGADO

Eu digo-lhe: o tal sujeito dos bigodes desafiou o João Leite, já sabia?

BARÃO

Não sabia. Pois efetivamente houve duelo?

MORGADO

E havia muita mostarda, se não fosse eu.

BARÃO

Conte-nos isso.

MORGADO

O tal espinafre do Soares...

D. LEOCÁDIA (*Erguendo-se irada.*)

Senhor!

BARÃO

Isso que é, Leocádia?

D. LEOCÁDIA

Acho indecoroso que estejam dando epítetos ridículos a um cavalheiro que já frequentou esta casa.

BARÃO

Não lhe concedo reflexões. Retire-se desta sala.

BARONESA

Moderate-te, modera-te, Manuel Francisco. Senta-te, Leocádia, e escuta em silêncio; mas bom será que o Sr. Morgado não ofenda as pessoas de que fala. A civilidade é a mãe das intimidades agradáveis.

D. LEOCÁDIA

Se a mãe me concede licença, retiro-me.

BARÃO

Agora há de ficar. Quero que assista ao ridículo das suas afeições indignas de si e de mim.

MORGADO

Leva rumor! Isto não vai a ralhar. A senhora disse agora que a civilidade era a mãe dos agrados.

BARONESA

Das intimidades agradáveis... Não corrompa.

MORGADO

Pois eu corrompo?! Nunca corrompi ninguém. A senhora não sabe os meus costumes. Eu acho que o tal Soares é um espinafre. Espinafre, lá na minha terra, chamam-se uns valdevinos sem casa nem Leira, que trazem as mãos no ar com bulia do Papa. E que vem a este mundo como vem as ortigas e o arroz dos telhados, que não prestam pra nada. Ora aí está o que eu queria dizer na minha de espinafre.

BARÃO

Disse muito bem... Não dê satisfações; faz favor de continuar.

MORGADO

Lá vou; mas aquela menina encavacou por eu dizer espinafrei

BARÃO

Não faça caso, morgado. A minha filha está passando por uma época de loucura, que hoje mesmo há de fazer crise... Queira dizer.

MORGADO

Ela está a chorar; não digo mais nada.

D. LEOCÁDIA

É de indignação que eu choro! Não esperava que o meu pai quisesse forçar-me ao ridículo desta cena.

AS TRÊS DAMAS (*Levantando-se, e falando alternadamente*).

1ª DAMA Não te aflijas.

2ª DAMA Não faças caso.

3ª DAMA Deixa falar.

1ª DAMA Que triste coisa!

2ª DAMA Sê forte.

3ª DAMA Não chores, priminha!

MORGADO (*À parte*)

Que ingresial!

BARONESA

Vamos, meninas. Vem, Leocádia, tens razão.

CENA IV

O BARÃO E O MORGADO

MORGADO

Tenho pena dela, coitada! Em quanto a mim, a rapariga tem paixão de alma pelo tal troca-tintas! Deu-lhe para ali a pancada...

BARÃO

É uma cegueira; mas espero que hoje se lhe abram os olhos.

MORGADO

Isso não é mau; e se não é segredo, diga lá como há de ser isso de lhe abrir os olhos.

BARÃO

Conto com a sua discrição, morgado, e não duvido dizer-lhe o que há, porque já sei quanto V. S.A. fez em obséquio ao meu nome, embaraçando que o desafio tivesse algum resultado funesto.

MORGADO

Ah! Então o senhor já sabia, e estava a fazê-lo tolo...

BARÃO

Sabia; mas queria que a minha filha se envergonhasse de ser a heroína da história.

MORGADO (*Espantado*)

De ser quê?! Faz favor de dizer outra vez essa palavra.

BARÃO

A heroína da história que o morgado ia contar.

MORGADO

A heroína! Pois sua filha é heroína! Oh! Isso é má coisa!

BARÃO

Talvez que o Sr. Morgado não ligue à palavra a justa ideia. Heroína quer dizer, no nosso caso, motivo dos sucessos vergonhosos que se deram.

MORGADO

Ah! Agora percebo. E porque meu mano frade, quando diz muito mal de uma nossa parenta que tem muito maus costumes, chama-lho heroína... E uma heroína! Diz ele. Agora já sei o que quer dizer heroína; *verbim gracia*,

Se eu quiser dizer que não venho cá jantar por motivo de não estar bem do estomago, posso dizer: por heroína do estomago. O senhor ri-se? Ninguém nasce ensinado, meu amigo. Eu alguma coisa hei de vir aprender a Lisboa.

BARÃO

Vinha eu dizendo, que conheço e reconheço os favores que V. S.* me fez, obstando ao desafio. Sei que o morgado se apresentou no Campo grande, à hora em que deviam bater-se Soares e João Leite. Sei que os quis quietar. Com boas razões, e que chegou a ameaça-los...

MORGADO

De dar tanto num como neutro pancada de criar bicho, isso é verdade; e se não se acomodam, os tais ferrunchos com que se queriam furar um ao outro, tinham de ir em cata deles com as canas dos braços.

BARÃO

Sei que depois, o infame Soares, para convencer o auditório de que tinha direitos de preferência ao coração de Leocádia, apresentou um maço de cartas, e teve o despejo de ler uma em que a minha perdida filha o autorizava a tirá-la judicialmente. Sei mais, que o morgado lhe quis arrancar as cartas, o que decerto faria, se as testemunhas do duelo se não opusessem vigorosamente a isso...

MORGADO

Estava eu para bater em todos; mas neste comenos chegou um rancho de mulheres, que vinham em passeio de burrinhos, e acabou-se a pendencia.

BARÃO

Tudo sei. Agora saiba o meu amigo, que fui avisado de que vem hoje aqui o juiz buscar minha filha para depósito, a requerimento dela para casar com António Soares.

MORGADO

Que me diz?! Quer o meu amigo que eu a leve para o Minho?

BARÃO

Mil vezes grato ao seu novo obséquio; há remédio menos violento e mais salutar. O meu amigo verá como vem a terra todos os castelos que o pobre visionário

Levantou na sua fantasia, e terá ocasião de ver como são as paixões d estes peralvilhos, que veem as mulheres através da riqueza dos pais.

MORGADO

Acho que é bem feito; mas se vir que a rapariga não tem juízo, eu vou leva-la a minha casa, e entrego-a ao mano frade, que é um santo varão. Lá há de ser tratada como uma princesa. Tenho a casa petrechada à moderna, e agora

quando for hei de levar um piano e outros instrumentos, para quando eu casar, ter a mulher com que se entretenha.

BARÃO

Pois tenciona casar brevemente, morgado?!

MORGADO

Não sei quando isso será; isto de mulheres é preciso escolhê-las com vagar, ia estudando-as e examinando-as à medida que vão aparecendo. Não há remedio senão casar tarde ou cedo, porque não quero que o vinculo dos meus avós passe para parentes. Tendo uma casa de lavoura, que rende quinze mil cruzados limpos e secos, e quero deixa-la ao meu sangue.

BARÃO (*À parte.*)

Que ideia!

MORGADO

Eu, não se me dava de casar, à proporção, com uma menina de boa gente, e que tivesse um palmo de cara simpático, porque, a falar a verdade, uma mulher bonita é coisa boa, Sr. Barão, e eu já li na novela de um grande matemático, que o homem sem mulher é como o peixe fora de água, e o meu mano frade é da mesma opinião.

BARÃO

Assim o entendo também eu. A vida de casados é o único estado em que, neste mundo, se encontra a sólida e verdadeira felicidade. Anda muito acertadamente, casando, meu amigo, e a senhora que o merecer, há de ser forçosamente feliz. Oxalá que a fortuna me depare a minha filha, marido tão digno como Vossa Senhoria

MORGADO

Isso são favores, senhor barão. A sua filha é criatura galante, e quando Deus me castigar, seja com ela assim. Mas, se quer que lhe diga, acho-a viva de mais. O meu irmão frade diz que as mulheres idiotas não provam bem...

BARÃO

Mas minha filha não é idiota.

MORGADO

Quero dizer... Idiota, que tem lá umas ideias desarranjadas...

BARÃO

Mas isso é uma grande injustiça que o morgado faz a Leocádia. A minha filha é uma menina esmeradamente educada. Tem talento e leitura; mas os dons do espirito não prejudicam as boas qualidades do coração. Se a vaidade de pai me não engana, ousou profetizar ao homem que esposar a minha Leocádia, uma vida venturosa.

MORGADO

Um... Não me cheira, e há de perdoar. A sua filha tem pancada, e tem mau génio. Não a viu ainda agora assanhada como uma cobra?

BARÃO

Mas não viu com que docilidade ela obedeceu e chorou arrependida do seu ímpeto de mau génio? Creia que a minha filha tem uma boa alma, e os cuidados de esposa hão de torna-la branda, afetuosa, e boa para todos.

MORGADO

Não acho isso muito bom para um marido, Sr. Barão. Se eu fosse o marido, queria que ela fosse boa só para mim. Eu cá penso assim.

CENA V

Os MESMOS E UM CRIADO

CRIADO

O senhor Pessanha pergunta se a vossa Excelência Pode falar-lhe.

BARÃO

Que entre. Precisa anunciar-se?

CRIADO

Quer falar com a vossa Exa. particularmente, por isso me mandou saber se era ocasião de o receber.

BARÃO

Condu-lo à sala do meio. (*O criado sai.*) se a vossa Senhoria me dá licença, vou falar ao meu primo. Creio que será assumpto de muito desgosto para mim. Demora-se Vossa Senhoria alguns momentos? Eu vou mandar alguém com quem converse.

MORGADO

Eu vou ver, à minha vontade, a memória do Terreiro do Paço, e volto depois.

BARÃO

Írá na minha carruagem, que vou logo ao ministério da fazenda. Não o deixo sair. *(Toca a campainha.)*

MORGADO

Então vá lá arranjar a sua vida.

BARÃO *(Ao criado.)*

Diga ás senhoras que venham fazer companhia ao Sr. Morgado. Até já. *(Sai.)*

CENA VI

O MORGADO (SÓ.)

MORGADO (*Passeando.*)

Diz o meu mano frade que não há peito humano em que o deus Cupido não faça estragos, mais hoje ou mais amanhã. Desde que o barão me disse que eu podia ser marido da filha, começo a sentir cá no interior uma coisa assim a modo de formigueiro. Eu não topei ainda criatura que tanto me enchesse as medidas. É boa de uma vez!

CENA VII

D. LEOCÁDIA, AS TRÊS DAMAS, e O MORGADO.

D. LEOCÁDIA (*Entrando enfadada e irónica.*)

Aqui estamos para o entretermos, Sr. Morgado de Fafe.

MORGADO

Então, está melhorzinha?

D. LEOCÁDIA

Estou boa.

MORGADO

É o que se quer.

(Longo silencio. As damas bocejam, cada uma pela sua vez, e igualmente o morgado, fazendo uma cruz na boca.)

D. LEOCÁDIA

Então que nos conta, Sr. Morgado? Gosta de Lisboa?

MORGADO

Gosto muito; basta ser a terra da menina.

1ª DAMA

Como sabe dizer coisas bonitas!

2ª DAMA

Já amou, Sr. Morgado?

MORGADO

Se já amei?! A quem?

3ª DAMA

Se já se apaixonou?

MORGADO

A menina porque diz isso? Conhece-me pelos olhos?

D. LEOCÁDIA

É desejo de saber se o seu coração está virgem.

MORGADO

Já estive, mas agora não está.

2ª DAMA

Quer dizer que ama agora?

MORGADO

Pode ser que sim. Ninguém está livre de pagar o tributo da mocidade.

1ª DAMA

Querem ver que se apaixonou em Lisboa!

D. LEOCÁDIA

Conte-nos isso.

3ª DAMA

Está sentimental, não acham?

D. LEOCÁDIA

Há não sei que de poética melancolia neste todo. Está na fase poética do amor. Eu adivinho que é uma das minhas primas a ditosa Julieta deste Romeu.

Não é, Sr. Morgado?

MORGADO

Não é o quê?

D. LEOCÁDIA

Não é uma das minhas primas a sua paixão?

MORGADO

Qualquer delas é bem bonita, mas... Como o outro que diz... São gostos.

D. LEOCÁDIA

É uma delas, aposto!

MORGADO

Não atinou. Diz meu mano frade que onde está a lua cessam as estrelas.

3ª DAMA (*Rindo com as outras.*)

A lua és tu, Leocádia!

D. LEOCÁDIA

Eu sou a lua, Sr. Morgado?

MORGADO

Não desfazendo em ninguém...

D. LEOCÁDIA (*Rindo.*)

Por conseguinte, a ditosa sou eu?

MORGADO

Isso veremos... O amor é cego, e há coisas que parece que vem tiradas da baralha...

1ª DAMA

Tens um condão fatal, prima!

2ª DAMA

És uma Labarrere. Não há urso que te resista.

3ª DAMA

Triunfos sobre triunfos! Faltava te este, Leocádia!

D. LEOCÁDIA

Estou vaidosa de inspirar-lhe um sentimento novo. Diga-me, com que pude eu prendê-lo?

MORGADO *(Tomando-lhe a mão que leva aos lábios.)*

Com esta mãozinha.

D. LEOCÁDIA *(Retirando a mão. Levantam-se todos.)*

Ah! Poluiu-me!

CENA VIII

AS MESMAS, O BARÃO, e PESSANHA.

PESSANHA

Minhas senhoras... Como passou, prima Leocádia? O Sr. Morgado... Rijo e intrépido, como um português dos bons tempos, não é assim? Olhe que tem já em Lisboa reputação de rico e valente. Não lhe falta nada para se fazer querido das damas, e respeitado dos homens.

MORGADO

Em quanto a rico, tenho com que viver; a respeito de valentia, sou homem para o meu homem, e para dois, sendo necessário.

PESSANHA *(Irónico.)*

Estranho a seriedade com que se digna falar-me. Dar-se-á caso que eu incorra inocente no desagrado da vossa Senhoria? Não me condene, sem me ouvir.

BARÃO

O Sr. Morgado não pode ler motivo algum de queixa do primo Pessanha. Está triste, ao que parece; mas em quanto a mim, são saudades da sua terra. Adivinhei?

MORGADO

Não me sinto bom cá por dentro. Eu vou dar um passeio, e volto logo.

BARÃO

Já sei o que precisa. Ó meninas, vão lanchar com o Sr. Morgado, e Leocádia fica por alguns momentos connosco. Vá morgado. Tem excelente fiambre, apetitosas sardinhas de Nantes, excelente Porto e Bordéus. Vão, meninas.

MORGADO

E a Sra. D. Leocádia não vem?

BARÃO

Vai lá ter: preciso dela aqui.

MORGADO (*Afastando-se com o barão para um lado.*)

Com licença destes senhores, dê-me aqui uma palavra. Quo há de novo?

BARÃO

Logo falaremos, morgado... Espero que ludo se consiga à medida dos meus desejos.

MORGADO

À menina casa com aquele sujeito?

BARÃO

Pude resolve-lo a isso.

MORGADO

O senhor faz uma asneira quadrada.

BARÃO

Porquê?

MORGADO (*Querendo retirar-se, e o barão retendo-o*)

Não lhe digo mais nada.

BARÃO

Diga, não me deixe ficar perplexo.

MORGADO

É o que lhe digo: faz uma asneira em casar sua filha com ele.

BARÃO

Mas porquê? Explique-se se ó meu amigo,

MORGADO

Quanto vale a casa daquele janota?

BARÃO

Poderá valer cem mil cruzados.

MORGADO

Pois a minha casa vale perto de quatrocentos mil cruzados em propriedades; e eu daqui a oito dias, se Deus quiser, sou visconde de Fafe... Não lhe digo mais nada. *(Saindo.)* Vamos ao presunto, meninas.

(O barão fica meditando.)

CENA IX

D. LEOCÁDIA

O BARÃO, E LUÍS PESSANHA

PESSANHA

Que lhe diria o alarve, que o deixou tão abstrato, primo barão?

BARÃO

Uma coisa singular... Pediu-me a mão de Leocádia.

(Pessanha e Leocádia riem-se.)

PESSANHA

E o primo pode ouvi-lo sem responder-lhe com uma risada?!

BARÃO

Eu não gosto do entender ninguém...

PESSANHA

Mas o seu ar pensativo denota o embaraço de quem ouviu a proposta como coisa séria!...

BARÃO

Séria... Não direi... Mas foi uma surpresa, e... Tudo que é surpresa, faz-me... Faz-me uma certa confusão... Ó Leocádia, que te disse o morgado em quanto eu estive com o teu primo?

D. LEOCÁDIA

Fez-me uma declaração muito tola.

PESSANHA

E a prima pode ouvi-lo cora a seriedade do seu pai?

D. LEOCÁDIA

Ouvi-o a rir-me, e senti que a cena fosse tão depressa interrompida.

PESSANHA

Primo, acorde desse letargo! Quer casar sua filha com o morgado de Fafe?

BARÃO

Eu não disse tal...

D. LEOCÁDIA

Acho chiste à pergunta do primo Pessanha. Pelo que vejo, o casar eu com o morgado de Fafe é um acto em que a minha vontade não entra por coisa nenhuma...

PESSANHA

Como sei que é filha obediente...

D. LEOCÁDIA

Mas injuria meu pai, julgando-o capaz de me impor despoticamente um semelhante marido!... Nem falemos nisso, que mo enoja.

PESSANHA

Prima Leocádia, tem reconhecido que eu a amo e prezo com todas as veias da minha alma?

D. LEOCÁDIA

Não duvido, primo Pessanha.

PESSANHA

Há uma hora estavam mortas as esperanças de identifica-la à minha existência; mas a fatalidade é inexorável. Não posso esquecê-la. Não posso culpa-la, senão para perdoar-lhe logo.

D. LEOCÁDIA

A indulgência é a primeira virtude das almas generosas. Fez um acto de caridade, perdoando-me.

PESSANHA

Não sei quando a prima é irónica ou ingénua.

BARÃO

Não lia ironia alguma. Leocádia, eu dei ao teu primo a minha palavra de cavalheiro de que serás sua mulher. O teu coração confirma a palavra de honra do teu pai?

CENA X

OS MESMOS, O MORGADO e AS DUAS DAMAS

(As damas seguem o morgado, dando grandes risadas.)

MORGADO (*Indo direito ao barão.*)

São as raparigas mais patuscas que eu tenho visto! Têm o sangue na guelra o diacho das travessas! Tomaram-me à sua conta, e não me largam! E o caso é que eu gó.to de todas, como se fossem minhas parentas. Hão de ir passar um verão a minha casa a Fafe, e mais o tio. Não convido a Sra. D. Leocádia, porque sei que vai tomar estado, e oxalá que seja feliz.

1ª DAMA (*A Leocádia.*)

Não sabes quem está na sala do piano com a tua mamã? O João Leite.

BARÃO

Pois ele está cá? Não sabia!

MORGADO

Vem despedir-se... Pobre rapaz!

BARÃO

Despedir-se! Pois as cortes ainda há pouco se abriram, e ele retira já!?

MORGADO

É verdade... O homem tem o coração ao pé da boca, e levou uma amoladela mestra! Ontem fui dar com ele a chorar como uma criança; e tinha uma tosse de esgana que o há de levar à sepultura no vício da mocidade. De há três dias para cá pesa menos arroba e meia. O amor quando pega deveras, é pior que a própria morte!

CENA XI

OS MESMOS, A BARONESA, JOÃO LEITE, E O MORGADO

BARÃO

Seja bem aparecido, Sr. João Leite ! *(A baronesa limpa as lágrimas, João Leite cumprimenta de um triste relance de olhos)*. Que tristonho rosto é esse?

MORGADO *(contemplando J. Leite)*.

Está na espinha!

LEITE

Venho cumprir três missões, e cumpro-as de luto. A primeira agradecer a hospitaleira intimidade com que fui acolhido por Vossa Exa. e a sua estimável família. Segunda, pedir com lágrimas nos olhos, que me seja perdoada a parte que me toca no desgosto que esta família recebeu. Finalmente, retirando-me para a minha província, venho pedir a Vossa Exa. que me honrem com a sua estima, e assim me convençam de que não fica sendo nesta casa lembrança de um amigo ausente, uma lembrança que desperta um desgosto.

BARONESA

Pelo contrário, Sr. João Leite, o seu nome fica impresso nas nossas almas; e eu sinto que os meus rogos não consigam mudar o propósito da partida.

BARÃO

Que motivos, porém, o levam tão triste de Lisboa? Um homem tem obrigação natural e moral de ser superior aos infortúnios, e muito mais aqueles que o não são, vistos três meses depois. Seja forte, Sr. Leite. Vença as contrariedades, não lhes fugindo. Olhe que à desgraça foge muitas vezes à intrepidez de quem avança para ela.

MORGADO

Apoiado! O meu mano frade também diz isso.

LEITE

Saber morrer é a suprema das coragens, Sr. barão, e saber calar a dor sem responsabilizar alguém por ela, é a suprema das virtudes.

PESSANHA (*À parte*)

É ridículo este galã de farsa!

D. LEOCÁDIA (*Comovida*)

É uma nobre e poética alma, Sr. Leite. Aperte a mão de uma amiga, que lhe recebe o seu ultimo adeus com a simpatia da admiração, e a saudade dos corações que aspiram a um mundo melhor que este.

MORGADO (*limpando as lagrimas ao pé da baronesa que também chora*)

Nós, os velhos, não servimos para isto, Sra. baronesa. Somos dois corações sensíveis. (A baronesa retira-se com um gesto desprezador).

LEITE

Vejo que inspiro sentimentos de piedade; mas não vim a solicita-los. Poderia ser desprezível aos olhos dos outros; mas aos meus próprios... não o seria jamais. Eu não peço a ninguém admiração, nem simpatia, nem saudade, que não seja a de simples e sincera afeição que se deve a quem nos respeita e presa.

MORGADO (*chorando*)

Acabe lá com isso por quem é homem! Eu nunca chorei tanto na minha vida.

BARÃO

Todos sofremos ...

BARONESA

A consternação é geral!

LEITE

Não abusarei por isso da sensibilidade de pessoas que me são tão caras. As minhas senhoras, sejam felizes. Sra. baronesa, Sr. barão, Sr. Pessanha.. . (Vai a sair).

MORGADO

Espere aí que eu também vou. . . onde está o meu chapéu ?

CENA XII

OS MESMOS e UM CRIADO

CRIADO

Está ali o Sr. juiz de direito e outro homem, que querem falar a V. Exa.

BARÃO

Que entrem nesta sala. *(O criado sai)*. Os meus amigos, demorem-se alguns instantes, para serem testemunhas de um espetáculo doloroso.

MORGADO *(À parte)*

Lá vai a rapariga com a breca!

BARÃO

Vão lamentar um pai que cria uma filha com extremos de ternura, para, no inverno da vida, ver essa filha protestar perante a lei contra a vontade santa do pai que quis salva-la de um abismo.

BARONESA

Leocádia, não te comoves?

BARÃO

Estou desligado da minha palavra de honra, primo Pessanha, desde o momento em que essa filha amaldiçoada alienou os sentimentos de brio.

CENA XIII

OS MESMOS, O JUIZ E O ESCRIVÃO

JUIZ

Qual de V. Exas é o Sr. Barão de Caçurrães?

BARÃO

Sou eu, senhor.

JUIZ (*Examinando o requerimento.*)

E a Exma. Sra. D. Leocádia Ernestina de Magalhães?

(*Silêncio de instantes.*)

MORGADO

É aquela que está acolá.

JUIZ (*Ao escrivão.*)

Leia o requerimento.

ESCRIVÃO (*Lendo.*)

«Diz D. Leocádia Ernestina de Magalhães, filha de...

BARÃO

Não diga o resto, sei o conteúdo, ela sabe-o também.

JUIZ (*A Leocádia.*)

Persiste na ideia de ser depositada judicialmente, para do depósito haver dispensa de consentimento paternal para o fim de contrair matrimónio com o Sr. (*Lendo o requerimento.*) António Soares de Carvalho?

D. LEOCÁDIA

Sim, senhor.

BARÃO

Sr. Juiz, eu dou a requerimento consentimento para se casar com quem quiser.

JUIZ

Em tal caso cessa desde já a interferência da lei neste negócio.

BARÃO

Quando o Sr. António Soares procurar o resultado da diligência, pode V. S.A. dizer-lhe que venha quando queira buscar a que há de ser sua mulher.

ESCRIVÃO

O Sr. Soares estava agora na loja caraira do palácio de V. Exa.

BARÃO

Sim, tanto melhor.

(Toca a campainha.)

MORGADO (*Ao ouvido do barão.*)

Eu vou lá arrancar-lhe as orelhas...

BARÃO

Tenha prudência. (*Ao criado.*) Na loja caraira está o Sr. António Soares, vá dizer-lhe, que é aqui esperado.

JUIZ

Eu congratulo-me pelo tão feliz como inesperado desfecho deste caso, cujas consequências são sempre desagradáveis. A moralidade pública e a felicidade doméstica lucram sempre com resoluções desta espécie.

MORGADO

O Sr. Juiz, ainda que eu seja confiado, faz favor de me dizer, se um homem que não tem modo de vida, pode meter a justiça pela porta dentro de um pai, o tirar-lhe a filha, para depois fazerem ambos cruces na boca?

JUIZ

Dada tal hipótese, ao pai incumbe estorvar o casamento com razões, que devem fazer peso na balança da justiça.

CENA XIV

OS MESMOS E ANTÓNIO SOARES

BARÃO

Entre sem acanhamento nem vergonha, Sr. Soares.

MORGADO

Isso faz ele...

BARÃO

Leocádia Ernestina de Magalhães requer dispensa de consentimento paterno para casar com António Soares de Carvalho. É um requerimento ocioso. Dá-se amplo consentimento. Saibam, porém, os noivos que não tem a haver desta casa um ceitil. Os meus haveres hei de realizá-los em moeda dentro de quarenta e oito horas, e depois irei com a minha mulher para o estrangeiro, onde me não chegue a notícia do arrependimento de dois desgraçados. Casem-se, embora, mas não apelem para a minha compaixão, quando a

penúria lhes bater à porta. A miséria há de castiga-los, mas eu quero, e hei de ignorá-la, porque me não deleito na vingança. Disse. (*Senta-se.*)

(Silencio longo.)

BARONESA

Leocádia, minha infeliz filha, teu pai quer salvar-te... Ainda é tempo...

BARÃO

Sr. Soares! A sua paixão pela minha filha não lhe inspira uma resolução nobre e admirável na desgraça? Aceite Leocádia pobre. Engrandeça pela indignação o seu amor.

MORGADO

Bem se fia ele nisso!

JUIZ

Aqui já se não trata do coração... trata-se... trata-se...

MORGADO

Da barriga.

JUIZ (*rindo com o escrivão*)

Disse bem; é isso em português castiço.

MORGADO

Mas Vossa Senhoria talvez não saiba que aquele senhor é poeta ... e...

JUIZ

Já sei ; mas também é verdade que a mais nobre e santa expressão da poesia, a condolência dos males alheios, e o remedia-los à custa mesmo de sacrifícios próprios, é realizar a mais augusta poesia do evangelho.

MORGADO

O homem parece um missionário!

JUIZ

E, portanto, Sr. Soares, se me permite que eu seja o intérprete dos seus generosos sentimentos, asseguro ao Sr. barão de Caçurrães, que por parte de V. S. A. há desistência deste mal agourado consórcio.

SOARES

Eu seria capaz de mendigar por portas para sustentar minha mulher, mas não a julgo bastante forte para sustentar o infortúnio.

D. LEOCÁDIA

Isso é uma injustiça que faz à minha coragem. Eu aceitaria contente a pobreza do meu esposo ; mas não posso consentir que ele seja desgraçado por minha causa.

SOARES

Aceito a desgraça como um heroísmo do amor; mas não posso arrastar na minha queda a mulher que eu queria erguer sobre um trono.

D. LEOCÁDIA

Desprezo as pompas do mundo e a vã ostentação dos espíritos fracos: ser-me-ia porém eternamente angustioso ver privado pela minha causa desses bens o homem que hei de amar até ao último suspiro.

MORGADO (*À parte*)

Estão bonitos. (*Levantam-se todos*).

JUIZ

Das amantíssimas expressões que se trocaram, inferimos todos, que ambos se amam extremamente, mas que nenhum dos dois aceita a responsabilidade de fazer desgraçado o outro. São duas inocentes almas que nunca tinham pensado nisto. O raio da razão veio muito a tempo felizmente. Congratulo-me de novo com os excelentíssimos pães da Sr. D. Leocádia, dou por cumprida a minha missão de juiz, e, despedindo-me, peço licença para dizer também a minha missão de amigo. O Sr. Soares tem na minha sege um lugar à sua disposição. Os meus senhores...

BARÃO

Os donos desta casa oferecem-se ao amigo que lhe foi deparado por um desgosto. Há males que trazem bens, Sr. juiz. . . (*O Juiz corteja e sai com o escrivão e Soares*).

CENA XV

LUIZ PESSANHA, BARÃO, BARONESA, JOÃO LEITE, MORGADO,
D. LEOCÁDIA E AS TRÊS DAMAS

PESSANHA *(tomando o chapéu)*

Duas palavras somente, primo barão. Desquito-o da sua palavra de honra. Retiro-me vexado de lha ter pedido como fiança daquela senhora. Quando sua filha tiver um marido que a distancie daqui, continuarei a ser o amigo frequentador doesta casa. *(O morgado d esquerda observando).*

BARÃO

Primo Pessanha, o facto da minha filha ter desmerecido no seu conceito não deve afugenta-lo desta casa. Ouso até dizer-lhe, que a honra da minha casa não sai dela com a vossa Exa. Para minha filha há de haver sempre um marido que possa estender a mão a Vossa Exa.

PESSANHA

Eu é que não sei se poderei aceitar-lha. Para uma mulher há diferentes degradações na escala humana.

D. LEOCÁDIA

Há uma terrível. . . podia havê-la para mim . . . Dessa estou eu salva, porque nunca serei sua, Sr. Pessanha.

PESSANHA *(irónico)*

Conta com os seus adoradores, minha senhora? Tem dois na sua presença: um pediu-a ao seu pai; e o outro confessou na presença de todos nós uma paixão que o há de matar. Escolha. *(Arreda-se para a esquerda)*

D. LEOCÁDIA

Eu não escolho; rejeito-os a todos.

LEITE *(Avança.)*

Era escusado escolher, minha senhora. na minha alma há uma parte ferida de morte; mas há uma outra, a da honra invulnerável. Não vim pedi-la para

minha mulher; vim despedir-me. Cumpri, e se ainda aqui estou, foi porque o Sr. Barão pediu o meu testemunho num espetáculo de que levo uma impressão que me há de curar.

BARÃO

Teve uma ridícula ideia, Sr. Leite, rejeitando minha filha que ninguém lhe ofereceu. Saibam o Sr. Pessanha e o Sr. Leite, que a mão de Leocádia pertence ao meu presado e honrado amigo, o Sr. Morgado de Fafe.

MORGADO

Eu vou-me embora também, Sr. Barão. Estes dois. Senhores deram as suas razões, eu dou as mesmas razões, e mais uma, e é que não quero casar, por quatro razões; — primeira, porque meu irmão frade diz: «Antes que cases, olha o que fazes; segunda porque...

BARÃO

Basta. Saíam todos da minha casa...

MORGADO

A segunda porque acho que está no seu direito.

BARÃO

Torno-lhe a dizer, senhor, que...

MORGADO

A terceira... Porque... Está no seu direito, o como não quer ouvir, sem mais...

BARÃO

É de mais. Já, já fora.

(Saem todos.)

BARONESA *(Caindo desfalecida numa cadeira, as damas a rodeiam.)*

Oh! Meu Deus, um insulto destes!... Na minha idade...

MORGADO *(Tornando a entrar.)*

Oh! O meu chapéu; queiram perdoar, porque me tinha esquecido o chapéu.

(Pega no chapéu faz uma reverencia e salte a um sinal do barão. Cai o pano.)

FIM